

tivo Ordinário; e apenas na recitação individual, conservar completa ou parcialmente o uso do precedente Breviário Romano.

Queremos que tudo o que decretámos e prescrevemos tenha eficácia estável, agora e no futuro, não obstante as Constituições contrárias e as orientações Apostólicas promulgadas pelos Nossos Predecessores, além de outros decretos, embora dignos de particular menção e derrogação.

Dada em Roma, junto de São Pedro, a 1 de Novembro, festa de Todos os Santos, do ano de 1970, oitavo do Nosso Pontificado.

PAULUS PP. VI

Antiguidade Cristã Hispânica

CLAUDE W. BARLOW, *Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville*, The Catholic University of America Press, Washington, 1969, pp. VIII+254.

A Universidade Católica da América publicou na colecção **The Fathers of the Church, A new translation**, mais um volume dedicado a escritores da Hispania. O n.º 40 fora consagrado a Orósio e os nn. 50 e 52 a Prudêncio. No prefácio deste volume 62 anuncia-se que imediatamente a seguir virá a tradução das obras de S. Bráulio de Saragoça e de S. Frutuoso de Braga. Outros virão depois. Assim val a colecção cumprindo um vasto programa que se propôs sobre os **Iberian Fathers**. Daqui lhe enviamos o nosso aplauso por tal iniciativa.

Das obras atribuídas a S. Leandro de Sevilha (segunda metade do século VI) apenas duas são consideradas na introdução (pp. 175-182), as de que se dá a tradução inglesa: **De Institutione virginum et contemptu mundi** (pp. 183-228) e a **Homilia de triumpho Ecclesiae ob conversionem Gothorum** (pp. 229-235).

O nosso interesse está especialmente voltado para os dois escritores do actual território português. O Prof. C. W. Barlow estava bem qualificado para assumir esta tarefa, pois se dedica a S. Martinho desde a sua tese de doutoramento na Universidade de Yale: **The text tradition of the Formula Vitae Honestae of St. Martin of Braga** (1935). Fruto de longos anos de trabalho foi a sua edição crítica **Martini episcopi Bracarenensis opera omnia** (1950). Devemos estar-lhe muito gratos por nos ter dado o texto mais fiel até hoje conseguido da totalidade das obras de S. Martinho, baseado num grande número de manuscritos, recolhidos de quase toda a Europa. Todavia, já no prefácio deste livro Barlow nos preveniu de que não pôde visitar a Ibéria e que por isso «é possível que existam outras fontes importantes em colecções de manuscritos não catalogados de Espanha e Portugal» (p. VIII). Agora, a vinte anos de distância, na introdução à obra literária de S. Martinho de Braga (pp. 3-16) começa Barlow precisamente por admitir que muitas melhorias poderão ser introduzidas no

texto latino graças aos «manuscritos ainda guardados em Espanha e Portugal» que deverão ser utilizados numa «projectada nova edição de Martinho de Braga por A. Moreira de Sá da Universidade de Lisboa e Arnaldo Miranda Barbosa da Universidade de Coimbra».

Começemos nós também por provar as suspeitas de Barlow, a partir da mais antiga peça guardada de S. Martinho: — as **Sententiae Patrum Aegyptiorum**. Na sua edição de 1950 cita sete manuscritos (a menção do de Lisboa não conta para o efeito, pois declara não conhecer o seu conteúdo). O texto crítico foi estabelecido sobre seis manuscritos, mas note-se, desde já, que apenas deveriam ter sido considerados três, os do Vaticano, lat. 4921; Londres, Museu Britânico **additiones** 30.855 e Paris, Bibl. Nacional 2768A (este, porém, na totalidade do seu texto e não apenas na pequena porção que Barlow não pôde deixar de identificar). A inclusão dos manuscritos de Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 8216-18 e 8372 apenas serviu para manchar o texto com muitos passos espúrios que, na melhor das hipóteses, deveriam ter sido relegados para o aparato crítico. Igualmente de reprovar é a edição do seu número 110, que Barlow, com fundamento, supôs (p. 26) não pertencer a S. Martinho. Bem fez, pois, o Autor em não ter traduzido este trecho.

De facto, numa comunicação que fizemos a 1 de Abril de 1970 ao II Congresso Internacional, promovido pelo Instituto de História da Teologia Espanhola, da Pontifícia Universidade de Salamanca (já publicada nas **Actas**), mencionámos explicitamente 52 manuscritos que contêm, no todo ou em parte, as **Sententiae** de S. Martinho, deixando de lado mais 50 com pequenos fragmentos. Precisamente entre os melhores se contam quatro hispânicos: — o de Toledo, Bibl. Capitular 27-24 (que serviu de modelo a todas as edições anteriores à de Barlow); o do Porto, Bibl. Municipal 753; o de Seo de Urgel, Arquivo Capitular, **anno** 938; e o de Salamanca, Bibl. Universitária 2537. De escassa importância são os fragmentos contidos nos mss. de Lisboa, Bibl. Nacional 454 e de Évora, Bibl. Pública CXXIV/1-12.

Mas onde a falta dos manuscritos visigóticos produziu mais desastrosos resultados foi na publicação (em inglês) da obra de Pascásio de Dume. Apesar de conhecer alguns manuscritos da recensão longa, que Barlow julga, com razão, ser a autêntica (composta de um só livro — e não de dois, como diz na p. 114 — com um total de 101 capítulos) escolheu para base da sua tradução o texto editado por Rosweydeus no Livro VII das **Vitae Patrum**, em 1628. É verdade que tal texto poderia ser considerado como uma antologia suficiente «para dar uma excelente ideia» (p. 114) da obra de Pascásio. Mas para isso precisava de ter sido expurgado de muitas interpolações nele existentes. Como demonstramos na nossa tese **A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum** (Coimbra, 1971), a edição de Rosweydeus reproduz, com adulterações, o pior de todos os subarquetipos derivados da tradução genuína de Pascásio.

Para que o leitor esteja prevenido quanto às partes falsamente atribuídas a Pascásio, deixamos aqui uma indicação das interpolações. O título da obra do monge de Dume é **Liber Geronticon, De octo principalibus vitis** (que Barlow mostra conhecer na sua edição de 1950) e não **Interrogationes et responsiones Graecorum Patrum**, pois este aparece num só manuscrito numa recensão média (e não extensa, como Barlow supõe), a única conhecida por Sigeberto de Gembloux, como já demonstrara o Dr. Luís Ribeiro Soares, em **A linhagem cultural de S. Martinho de Dume** (Lisboa, 1963, pp. 164-198).

O índice dos capítulos das pp. 118-119 é um arranjo exclusivo de Barlow, feito sobre os títulos de Rosweydu. Note-se, porém, que a partir do título 37 inclusive todos são espúrios, excepto o 42. Mas já anteriormente aparecem títulos retocados, e o 18 foi também totalmente inventado pelos modelos de Rosweydu.

Sensatamente, eliminou Barlow, como falsos, os apotegmas XIX, 3-6. Os nn. 3, 4 e 5^a são, de facto, uma interpolação do *Heraclidis Paradisus*, cap. IX (e não da *Historia Lausiaca* XXVI, como Barlow afirma na p. 142, nota 1, onde remete também, mas sem razão, para a *Vita Antonii*, pois desta não é tirado qualquer fragmento). O n. XIX, 6 é uma interpolação de Pelágio. De estranhar é que não tenham sido também suprimidas, na tradução, as outras interpolações de Pelágio, que se encontram em XIII, 4; XVI, 2 e XXI, 3 e 4.

Mais complicado é o problema das interpolações tiradas das *Sententiae* de S. Martinho. Os nn. XXII, 2, XXVII, 2 e XXXII, 4, são claramente do bispo de Dume. Uma análise do texto crítico de Martinho e o confronto com a recensão longa de Pascásio deveriam ter levado Barlow à conclusão de que, a partir de XXXVI, 3 inclusive até ao final de XLIII, apenas os nn. XLI, 2 e XLII, 1, 3 e 4 são realmente de Pascásio. Tudo o mais é uma recensão de Martinho (e não de Pascásio, como diz na p. 6), onde foram introduzidas frases explicativas e várias abonações da Escritura. Não percebemos, por isso, por que exclui Barlow da sua tradução apenas a frase final de XXXVII, 4. «Filtrou um mosquito, mas engoliu um camelo»...

Do mesmo modo, deve ser totalmente excluído do texto de Pascásio o cap. 44. Com efeito, há muito que Dom A. Willmart (1922) provou tratar-se de um fragmento que anda com frequência apenso à tradução de Pelágio-João. Não há, de facto, nenhum manuscrito que atribua tal texto a Pascásio, nem sequer o inclua imediatamente após a sua tradução.

Além disso, mesmo na parte que parece ser genuinamente de Pascásio, há pequenas interpolações que foram introduzidas por um reelaborador, possivelmente na *Germania*, dos princípios do século VIII. Barlow deixou-se trair por esta recensão quando adoptou como autêntico o que na realidade são variantes. O manuscrito que lhe serviu de base para as correcções feitas ao texto de Rosweydu foi certamente o de Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 8216-18 (séc. IX). Para exemplificar este tipo de interpolações, diremos que as citações bíblicas identificadas na p. 124, apotegma II, 4, nota 1; e nas notas 1 das pp. 126, 129, 132, 149 e 153 são todas acrescentos do reelaborador do subarquétipo de que depende o actual manuscrito belga. Atendendo, porém, a que este códice está mais próximo do original do que a edição de Rosweydu, pôde Barlow introduzir algumas emendas exactas ao texto, como é o caso das pp. 122, nota 5; 124, n. 3; 125, n. 4 e 128, n. 1. A falta de recurso à recensão longa levou-o até a uma congeminação inútil. Na p. 127, nota 2, com razão emendou Barlow o texto de Rosweydu VI, 1: **voluntarie nocet et resistentibus non iniuriatur**. A sua emenda para **voluntarie a nocentibus aut resistentibus iniuriatur**, só em parte apoiada no ms. de Bruxelas, é contraditada pelo texto seguro da recensão longa: **voluntarie nocetur aut iniuriatur**.

Deixamos aqui de parte a questão dos originais gregos de S. Martinho e de Pascásio. Apenas queremos notar ainda que, ao contrário do que Barlow supõe (p. 114) há largas traduções de Pascásio — mesmo de todo o texto editado por Rosweydu ou equivalente — em espanhol, francês e outras línguas, desde o século XVI em diante.

Estas observações deixam já entrever como o texto de Pascásio, mesmo para uma selecção antológica, precisava de uma edição crítica e como o de S. Martinho beneficiará também em ser colacionado com o dos manuscritos hispânicos, tal como Barlow muito bem supôs. Apesar das imperfeições do texto de Pascásio adoptado para base da tradução, o trabalho de Barlow tem o mérito de divulgar, embora de modo imperfeito, a versão do súbdito de S. Martinho de Dume. Quanto ao próprio S. Martinho, podemos considerá-lo mais feliz por a sua obra ter sido objecto de variadas edições e comentários, sobressaindo, pelo seu real valor, os trabalhos que C. W. Barlow lhe tem consagrado.

Coimbra, Maio de 1971.

JOSÉ GERALDES FREIRE



ANTÓNIO MONTES MOREIRA, *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*, Université Catholique de Louvain, Bibliothèque de l'Université, Louvain, 1969, XIX+349 pp. (= Travaux de doctorat en Théologie et en Droit Canon. Nouvelle série, tome I (1969)).

É com grande satisfação interior que se termina a leitura deste exaustivo estudo dedicado ao primeiro bispo histórico de Lisboa, de meados do século IV. O exame das fontes, a análise minuciosa dos testemunhos históricos e literários são feitos com um rigor científico que nos garantem a segurança das conclusões.

Ao mesmo tempo, a figura de Potâmio serviu de ocasião para se delinearem duas exposições magistrais: — uma sobre a romanização da Península Hispânica e introdução aqui do cristianismo (pp. 39-74); e outra sobre as origens e desenvolvimento do arianismo, acompanhando, em diversos pontos do trabalho, as suas vicissitudes, ano por ano e quase dia a dia, desde 313 até 381.

A data fundamental, e a única verdadeiramente segura, da biografia de Potâmio é a sua participação activa no sínodo de Sírmium em 357. Nesta altura pertencia o bispo de Lisboa, sem dúvida, às hostes arianas; e à volta deste ano devem colocar-se os seus escritos heterodoxos, todos eles desaparecidos, mas de que se guardam testemunhos indirectos.

Pelo contrário, o que subsiste da actividade literária de Potâmio são apenas os escritos ortodoxos, em forma epistolar ou homilética, não sendo possível garantir com segurança se a época da sua ortodoxia é anterior ou posterior ao sínodo de Sírmium.

A parte central do estudo de Montes Moreira é consagrada à apreciação da atitude de Potâmio frente à controvérsia ariana, servindo-se para isso de larga fundamentação bibliográfica. Encanta-nos ver as obras de historiadores portugueses, principalmente desde o século XVI até aos nossos dias, julgadas a par com os grandes nomes da historiografia eclesiástica em geral, num estudo escrito em francês e apresentado a uma das mais famosas Universidades católicas — a de Lovaina.

Os intrincados problemas que envolvem a figura de Potâmio são clarificados até

ao limite do possível, sempre com grande argúcia e sentido crítico. Pela primeira vez se chama a atenção dos estudiosos para o facto de, na desaparecida *Epistula Potamii*, cujo conteúdo essencial nos foi conservado por Febado de Agen, o bispo Lisbonense defender a doutrina tipicamente ariana do tipo Verbo-carne, isto é, negação da natureza humana de Cristo, admitindo no entanto a passibilidade da natureza divina, o que equivale a negar a consubstancialidade do Verbo encarnado em relação ao Pai.

Após o estudo do que é reconstituível na vida de Potâmio, a segunda parte é totalmente consagrada à análise das suas obras, remetendo-se para um último capítulo uma referência aos «escritos perdidos, duvidosos e não autênticos». As obras autênticas de Potâmio são a *Epistula ad Athanasium*, a *Epistula de substantia Patris et Filii et Spiritus Sancti* e as homilias *De Lazaro* e *De martyrio Isalae prophetae*. De cada uma delas se estuda o conteúdo, a sua descoberta, edições feitas até hoje e manuscritos conhecidos. As indicações de Montes Moreira (que deixa entrever não possuir cópias nem ter colacionado os códices citados) são, no entanto, preciosas para a reconstituição futura de um texto genuíno dos escritos de Potâmio. Infelizmente, embora de alguns se conheçam muitos manuscritos, está mal estudada a natureza do texto e a sua proximidade ou afastamento do original. A geografia codicológica poder-nos-á dar algum indício se a difusão das obras partiu da *Hispania* ou do centro da Europa. Esta conjectura poderia lançar alguma luz sobre quais os tratados escritos e espalhados a partir de Lisboa ou durante a permanência no estrangeiro, envolvido na querela ariana. Aqul deixamos a sugestão para uma ulterior pesquisa.

Do ponto de vista filosófico, propriamente dito, Potâmio não oferece interesse particular. As alusões ao homem como composto de *corpus*, *anima* e *spiritus* e a utilização da alegoria do cocheiro não apresentam nada de original. A figura (de proveniência hispânica?) de Calcídio, comentador do *Timeu* platónico, aparece abordada apenas ocasionalmente.

Já nos referimos a *Hispania* e *hispânico* e fizemo-lo propositadamente, contrariando a terminologia empregada por Montes Moreira. Não nos parece rigorosa a designação de *espanhol* ou de *Espanha* para personagens e zonas anteriores à definição territorial e política dos povos da Ibéria, dada a conotação que tais termos evocam necessariamente em relação à Espanha, unificada só a partir do fim do século XV.

Frequentes vezes Montes Moreira se refere ao estilo de Potâmio, classificando-o geralmente de «extravagante, pretensioso, afectado, obscuro», etc. Antes de proferir um juízo rigoroso sobre o seu estilo seria conveniente compará-lo com o de outros escritores cristãos, tanto da *Hispania* como de outros pontos da Europa latina. Estamos a lembrar-nos do estilo dos escritores da Irlanda e da sua *hesperica famina*... Efectivamente, a redundância (Montes Moreira fala também de afectação «barroca») e o emaranhado da frase é uma característica bastante comum do latim tardio, tanto em autores cristãos como pagãos. Não se julgue que o mais célebre dos primeiros escritores latinos cristãos, Tertuliano, é de fácil leitura e compreensão.

Apreciámos o escrúpulo posto em fixar determinadas grafias Ibéricas, como *Ossius* e *Olisipo*, procurando apolar-se em observações de carácter linguístico. A propósito se lembram, para o primeiro, bases como as de *Ossónoba*, *Ossigl*, etc. (p. 20). Com toda a razão se admite a perfeita identificação de *Odyssipona* com *Olisipo* ou *Olisippo* (pp. 48-49 e 65). Recorde-se que a linguística explica a oscilação frequentemente verificada entre l e d do tipo *clor/odor, sedes/solum*, etc., sendo

além disso a instabilidade das consoantes uma das particularidades das bases mediterrânicas.

As características acabadas de apontar junte-se que o livro de A. Montes Moreira está provido de bons índices de autores e de matérias. Achamos, no entanto, pouco feliz o processo de registar os muitos nomes portugueses, não adoptando sistematicamente a menção alfabética do último sobrenome. Parece-nos uma bizantinice que num livro, mesmo publicado no estrangeiro, um nome com A. de Carvalho Vilela venha registado em **De Carvalho Vilela, A.** ou que Avelino de Jesus da Costa se encontre em **Da Costa, A. de J.**

Anotemos finalmente que este estudo sobre Potâmio foi defendido como tese de doutoramento em História Eclesiástica, em Lovaina, em 1964, tendo a bibliografia sido posta em dia para a edição de 1969.

Coimbra, Maio de 1971.

JOSÉ GERALDES FREIRE